



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de assinatura de atos

Acra - Gana, 19 de abril de 2008

...a minha alegria de voltar a Gana, na cidade de Acra e, sobretudo, de encontrar meu amigo, presidente Kufuor.

Desde o primeiro dia da minha posse, em janeiro de 2003, nós definimos priorizar as nossas relações com o continente africano. Já visitamos 20 países e queremos visitar outros tantos países, nos próximos anos.

No Brasil, o governo está convencido da contribuição que podemos dar aos países africanos. Muitas vezes, é mais fácil falar do que fazer. Mas já demos passos importantes: a Embrapa já está instalada aqui em Gana. Por isso eu trouxe comigo o presidente da Embrapa, o companheiro Sílvio, e acredito que daqui a pouco tempo estaremos passando para Gana grande parte dos conhecimentos que temos na área da agricultura.

Sabemos do problema energético em Gana, e estamos discutindo com o presidente Kufuor a possibilidade de o Brasil ajudar na construção de hidrelétricas aqui no país.

Uma das coisas que eu disse ao meu companheiro Sílvio, presidente da Embrapa - e certamente a Embrapa irá pesquisar muito -, é que possivelmente uma parte do território africano tenha as mesmas características de uma parte do território brasileiro. É possível que uma parte das savanas pareça um pouco com o cerrado brasileiro. Se isso for verdade, poderá haver uma revolução agrícola no continente africano.

Eu me lembro muito bem, Presidente, que há 40 anos o cerrado brasileiro era tido como terra imprestável. E, com um pouco de tecnologia, conseguimos transformar o cerrado numa das áreas mais produtivas do País. Eu acredito que o mesmo pode acontecer no continente africano e em Gana.



Sobretudo agora, que os países em desenvolvimento, os países africanos, os países latino-americanos e alguns países asiáticos vão ter que enfrentar uma verdadeira guerra comercial sobre a questão da produção agrícola, em (inaudível). Primeiro, na OMC, onde estamos querendo que os países ricos diminuam os seus subsídios para flexibilizar a entrada dos produtos agrícolas dos países mais pobres nos países mais ricos. E, num segundo momento, na medida em que o povo pobre está comendo um pouco mais, em quase todos os países do mundo, vai ser preciso aumentar a produção de alimentos.

Alguns países ricos não têm mais como aumentar a sua produção agrícola. Então, obrigatoriamente, eles terão que olhar para o continente africano, terão que olhar para a América Latina, e perceber que somos nós que temos terra, somos nós que temos as condições de suprir as necessidades do crescimento da demanda por alimento no mundo.

Além disso, os países ricos, e todos nós também, assinamos o Protocolo de Quioto. E o Protocolo de Quioto pressupõe o compromisso de todos os países do mundo trabalharem para diminuir o aquecimento global. A própria União Europeia já tomou a decisão de, até 2020, introduzir 10% de biocombustíveis na gasolina derivada do petróleo. Pois bem, qualquer um de nós pode pegar o mapa-múndi e perceber onde é que tem terra para plantar, seja cana, sejam oleaginosas para produzir o biodiesel, seja a produção de alimentos.

O que nós temos clareza, e o Brasil não quer liderar, o Brasil quer participar do debate da forma mais democrática possível, da forma mais transparente possível, da forma mais racional possível. Mas nós não aceitamos, em hipótese alguma que, outra vez, os países mais pobres paguem a conta. Dizer que são os biocombustíveis a causa do aumento do preço de alimentos é perguntar: “Onde se produz biodiesel? Onde se produz biocombustíveis?”

Na verdade, na política de biocombustíveis só tem um equívoco, que é a



decisão americana de produzir álcool do milho. Fora disso, é importante que as pessoas tenham a responsabilidade de dizer que o preço do alimento se deve muito mais ao custo do frete causado pelo preço do petróleo do que pela questão do biodiesel. No caso do Brasil, nós estamos provando que é possível produzir biodiesel e aumentar a produção agrícola, sobretudo na área de grãos, como vamos aumentar este ano.

Essa, presidente Kufuor, é uma discussão em que nós gostaríamos de contar com o apoio do continente africano. E é preciso deixar bem claro ao mundo que, no século XXI, os países pobres não querem mais ser dependentes de atitudes de benevolência. O que os países pobres precisam é de ter acesso às tecnologias, ter acesso ao financiamento e produzir o que o mundo precisa que seja produzido.

Eu acho muito estranho alguém fazer crítica aos biocombustíveis e não fazer nenhuma crítica ao barril de petróleo, que saiu de 30 para 103 dólares. Eu acho muito estranho alguém fazer crítica ao biodiesel e aos biocombustíveis e não lembrar que no mundo tem quase 1 bilhão de seres humanos passando fome. Eu acho que nós teríamos um problema grave se nós produzíssemos muito alimento e não tivéssemos para quem vender.

Mas, na medida que mais africanos estão comendo, mais chineses estão comendo, mais indianos estão comendo, mais gente da América Latina está comendo, em vez de ficarmos assustados com a inflação crescendo no alimento, o desafio que está colocado para nós é o de produzir mais alimentos para que as pessoas comam melhor e, aí sim, nós vamos ter um equilíbrio mais justo dentro do nosso continente.

Vim para essa reunião da Unctad sobretudo porque ela é em Gana, e porque temos acordos bilaterais para assinar com o presidente Kufuor. Mas, Presidente, esta semana eu participei de um seminário da FAO no Brasil. E disse ao diretor-geral da FAO, nosso companheiro Diouf, que nós estamos dispostos a fazer debate em qualquer parte do mundo, com qualquer público



do mundo. Estamos convocando um seminário, uma conferência internacional em novembro, no Brasil, para discutir a questão dos biocombustíveis. Queremos levar políticos, queremos levar chefes de Estado, chefes de Governo, queremos levar cientistas, queremos levar ONGs, ou seja, fazer um debate em que todas as posições sejam colocadas de público. Porque nós não temos o direito de admitir que, no século XXI, os países pobres continuem tão pobres quanto no século XVIII. E a agricultura, neste momento, se apresenta com uma possibilidade extraordinária para os países mais pobres.

Por isso, meu querido companheiro, é um prazer estar aqui neste momento.

Muito obrigado.

(\$211B)